



Cogitare Enfermagem

ISSN: 1414-8536

cogitare@ufpr.br

Universidade Federal do Paraná

Brasil

Gualda, Dulce Maria Rosa

A FORMAÇÃO DE OBSTETRIZES NO BRASIL: DESAFIO E TRANSFORMAÇÃO

Cogitare Enfermagem, vol. 16, núm. 3, julio-septiembre, 2011, p. 407

Universidade Federal do Paraná

Curitiba - Paraná, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=483648968001>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## A FORMAÇÃO DE OBSTETRIZES NO BRASIL: DESAFIO E TRANSFORMAÇÃO

Dulce Maria Rosa Gualda<sup>1</sup>

O panorama da saúde materno-infantil no Brasil tem mostrado um quadro crítico. Os índices de mortalidade materna, embora tenham se mantido estáveis nos últimos quinze anos, são ainda, extremamente elevados, sendo cinco a dez vezes maiores que os dos países de alta renda. Este fato aponta para as disparidades regionais do Brasil e a atuação insuficiente do sistema público de saúde. O desafio na redução do alto índice de cesarianas é outro problema que demanda solução no enfrentamento da morbi-mortalidade materna e neonatal. São evidentes as deficiências, tanto quantitativas quanto qualitativas, de recursos humanos para atuar na promoção da saúde sexual e reprodutiva.

Na esfera educacional, os currículos herméticos constituem em desafio, são pautados no modelo biomédico, tendendo para as patologias e para a especialização. Desta forma, distanciam os profissionais da visão humanística e dos aspectos socioeconômicos e culturais da população, dificultando-lhes uma visão crítica da saúde no contexto nacional. Sendo assim, a formação não dá espaço à atividade interdisciplinar, à criatividade e à possibilidade de transformação da realidade, que permitiria colaborar positivamente para alterar os indicadores de saúde das mulheres.

Frente a tais dificuldades, a Organização das Nações Unidas, no ano 2000, lançou as metas do milênio, com prioridade para promover a saúde das gestantes e reduzir a mortalidade infantil até o ano de 2015. No mesmo período, a Organização Mundial de Saúde divulgou as metas para a promoção da Maternidade Segura, destacando a importância da qualificação do acompanhamento profissional durante a gestação, parto e puerpério. Reconhecendo a relevância da formação profissional para a melhoria da qualidade da assistência à mulher, em 2005 foi criado o Curso de Obstetrícia, em nível de graduação, pela Universidade de São Paulo. Neste, o aprendizado é desenvolvido por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão, com vistas a articular a construção de conhecimento como reflexão sobre a realidade social; o compromisso social com o Sistema Único de Saúde e com o cuidado integral em saúde; e, a adoção de modelo de cuidado centrado na mulher e no cumprimento das políticas de humanização da assistência.

Experiências como essa vêm apresentando resultados positivos e podem ser vistas em países desenvolvidos, como Holanda e Inglaterra, nos quais a formação de *midwives* (obstetras) tem contribuído para a qualidade assistencial das mulheres durante todo ciclo gravídico-puerperal. As obstetras estão inseridas no sistema de saúde, tanto em equipes multiprofissionais, quanto na atuação autônoma de assistência às mulheres. Entretanto, no Brasil, a sua inserção tem se mostrado difícil e árdua, pois ela presume a mudança de paradigma e a competição pelo mercado de trabalho.

Formar obstetras não significa deixar de investir na especialização em Enfermagem Obstétrica. Ambos são campos comuns que buscam o mesmo objetivo: a melhoria da assistência à saúde da mulher. O ponto crucial, em ambos, é fortalecer um modelo de atenção que não seja centrado no modelo biomédico, reconhecendo que a atuação da enfermeira obstétrica e da obstetra são essenciais para a reconfiguração da assistência, o que virá a representar um impacto frente aos desfavoráveis indicadores de saúde materna no Brasil.

Assim, a perspectiva é a de que a obstetra faça parte das equipes de saúde, juntamente com médicos e enfermeiras obstétricas. A história tem demonstrado que o trabalho conjunto, de diferentes profissionais, apresenta maior capacidade de melhorar os indicadores de saúde reprodutiva.

<sup>1</sup>Enfermeira obstétrica. Doutora em Enfermagem. Professora da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. Presidente do Programa Interunidades de Doutoramento em Enfermagem.